

Bibliografia sobre comunicação e educação

Ismar de Oliveira Soares

Professor Livre-Docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA/USP.

Coordenador do NCE¹ – Núcleo de Comunicação e Educação.

Presidente da UCIP – Union Catholique Internationale de la Presse (2001-2004).

E-mail: ismarolive@yahoo.com

JOSAPHAT, Frei Carlos. **Ética e mídia**. São Paulo: Paulinas, 2006.

Diz o autor, na introdução do livro: “Ética da inteligência é a mais bela e necessária das formas do saber...”. Quem escreve é frei Carlos Josaphat, uma legenda viva do jornalismo de resistência aos abusos da ética e da liberdade de expressão dos anos 1960, e o diretor de *Brasil Urgente!* Em seus dez capítulos, o livro nos traz um escritor de olhar jovem, apesar de seus 80 anos, parte deles vividos na Europa, devido ao exílio imposto pelo regime militar. É o subtítulo do livro (*liberdade, responsabilidade e sistema*) que conduz o leitor para os confrontos vividos pelo profissional da comunicação num mundo globalizado e mercantilizado. Não é apenas com o comunicador que Josaphat dialoga, mas também com o consumidor. Quando toca no tema da internet, lembra, por exemplo, a tentação da fuga da realidade do outro: “Essa forma estreita de um mundo virtual dominado pelo imaginário desligado da realidade e do outro, esterilizante para a vida, para o amor e para o trabalho construtivo, é mais do que uma ameaça. Já é uma imensa e triste expansão do poder envolvente da internet, sob o impulso do capricho, do devaneio e da manipulação financeira desse campo afetivo...”. Uma leitura diferente que permite ao usuário da mídia tanto quanto ao profissional um mergulho em profundidade em todos os aspectos que toca a dignidade humana quando o tema é o exercício da comunicação.

BARBOSA FILHO, André; CASTRO, Cosette; TOME, Takashi (Orgs.). **Mídias digitais**. São Paulo: Paulinas, 2005.

Recentes pesquisas vêm demonstrando que o simples acesso aos computadores e aos recursos da comunicação digital não tem sido suficiente para melhorar a educação no Brasil. A grande questão parece ser a carência de informações sobre o significado da realidade em que estamos todos mergulhados, a denominada *era da informação*. A obra em pauta, basicamente sobre a convergência tecnológica e inclusão social, vem contribuir para uma discussão mais aberta sobre o tema, especialmente junto aos que pretendem implementar programas de educomunicação, aproximando a educação dos novos recursos da comunica-

1. O NCE localiza-se na Av. Prof. Lúcio Martins Rodrigues, 443 – bloco 9, sala 8 – Cidade Universitária – CEP 0558-900 – São Paulo/SP – Tel.: (11) 3091-4784. E-mail: nce@edu.usp.br.

ção. Nesse sentido, o livro divide-se em três blocos sequenciais que trabalham respectivamente a contextualização sociopolítica do fenômeno midiático, as políticas de comunicação que estabelecem os paradigmas para a consolidação de determinados modelos de presença do digital na cultura e, finalmente, o potencial aberto com a nova mídia, em especial com a digitalização da TV no Brasil. Trata-se de uma segura introdução ao mundo da mídia, facilitando o trabalho reflexivo dos educadores em seus diálogos com as novas gerações sobre seu papel na construção de uma nova sociedade através do convívio com o mundo da comunicação.

BOLAÑO, César Ricardo Siqueira. **Qual a lógica das políticas de comunicação no Brasil?** São Paulo: Paulus, 2007.

Uma das grandes expectativas do Movimento Popular, gerada com a primeira eleição presidencial do século XXI, era a possibilidade de o Brasil promover uma revolução que viesse ampliar a capacidade de fala dos diferentes segmentos da sociedade, mudando, pela legislação e por opções políticas, o cenário que há décadas garantia ao capital – notadamente o estrangeiro – um verdadeiro monopólio sobre o sistema de comunicação eletrônica no País. Ao analisar, contudo, o caso mais recente da definição do modelo da TV digital, César Bolaño constata que o Brasil havia, mais uma vez, perdido a possibilidade histórica de romper com o passado, não exatamente porque assim o tenha definido, mas especificamente porque a lógica estabelecida acabou reafirmando que jamais permitiria um projeto político com tal veleidade. O autor fala do intrincado e complexo mundo representado pelas iniciativas públicas em torno da regulamentação do setor audiovisual e do conjunto do macrossetor das comunicações no Brasil. Garante que a principal estratégia dos controladores de tais sistemas é a de impor o conceito segundo o qual o tema deva ser mantido na esfera de um serviço singular, constitucionalmente estabelecido, e não no âmbito de um mero serviço de telecomunicação, tal como ocorre nos demais países do mundo. A segunda estratégia dos detentores do controle sobre os meios tem sido a de restringir o debate a seus aspectos técnicos, neles envolvendo até mesmo intelectuais progressistas. É nesse sentido que o livro analisa, em seus oito capítulos, a evolução histórica da legislação sobre a comunicação social, procurando detectar, na literatura especializada, as principais tendências através das quais os atores hegemônicos influenciam os processos regulatórios e legislativos. A linguagem é simples, em estilo jornalístico, de fácil compreensão, garantindo ao leitor, ao afinal, o acesso a uma bibliografia que permite novos aprofundamentos. O livro é essencial para os que, no campo da educomunicação, se voltam para o entendimento da área da gestão da comunicação, em suas relações com a utopia da construção de políticas mais democráticas de comunicação.

O COTIDIANO que faz diferença na escola. **Revista de Educação da AEC**, Brasília, ano 36, n. 147, out./dez. 2007.

O conjunto dos artigos publicados no número 36 da *Revista de Educação da AEC* chega num momento oportuno para os que se debruçam em pesquisas sobre o campo da educomunicação. Ao falar do cotidiano da escola, a revista aborda justamente os pontos considerados pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP (NCE/USP), como a contribuição específica da pedagogia renovada para a prática educacional, nominadamente a “libertação da palavra”; o reconhecimento e respeito à subjetividade; a criticidade e a formação para a cidadania e a dialogicidade, tanto no espaço da educação presencial quanto no da educação virtual. Sirley Pilipak e Maria L. Gisi, em *Libertar a palavra: os alunos, os professores e a escola*, falam da necessidade de se rever a gestão da comunicação na escola. Margarita Victoria Gómez, em *O face a face virtual possível pela responsabilidade ética*, garante, a partir de sua própria experiência em cursos a distância sobre a obra de Paulo Freire, que é possível criar comunidades virtuais dialógicas, como prevê a teoria da educomunicação sobre as mediações tecnológicas. É, contudo, João Batista Libânio, em *Eu penso diferente*, quem – ao descrever as formas como as novas gerações se confrontam com a educação tradicional – mais se aproxima do campo da educomunicação, ao reafirmar o conceito segundo o qual coube ao movimento social, em sua luta contra a opressão (novamente a referência a Freire, décadas de 1950 e 1960), a legitimidade da expressão comunicativa popular, mediante o uso do rádio: “Por mais distantes que tais considerações pareçam, elas permitiram o clima que nos dias presentes percebemos como evidência. Se hoje uma criança tem chance de dizer ‘eu penso diferente’, esse pequeno fato carrega atrás de si vasta gama de fatores”, afirma Libânio. Ele chama a atenção para a necessidade de uma aproximação ao mundo da mídia, ainda que escape à sua análise a transformação de consciência que sofre a nova geração, por obra do *manuseio crescente com as inovações tecnológicas*.

Contato com os editores: assinaturas@aecbrasil.org.br.

MACHADO, Arlindo. **O sujeito na tela, modos de enunciação no cinema e no ciberespaço**. São Paulo: Paulus, 2007.

Transitando entre o programa de pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC/SP e o departamento de Cinema, Rádio e Televisão da ECA/USP, Arlindo Machado vinha sendo considerado como um dos maiores especialistas brasileiros no campo da análise da imagem. Seu mais recente livro sobre o *Sujeito na Tela* o aponta, agora, como um especialista de fina sensibilidade no tratamento da relação entre o espectador e o mundo audiovisual. A obra é oportuna porque favorece o entendimento da evolução pela qual passou o papel do receptor, apontando para dois grandes cenários interpretativos: o da teoria geral da subjetividade (anos 1970 e 1980) e o da gestão da inserção subjetiva (anos 1990 e 2000). A teoria geral da subjetividade se preocupou com o processo de recepção do filme, tentando desvendar como a subjetividade do espectador era programada. Os estudos buscavam essencialmente saber como

o cinema trabalhava para interpelar o seu usuário enquanto sujeito ou, mesmo, como condicionava seu público a identificar-se com e por meio das posições de subjetividade construídas pelo filme. Este é o conteúdo dos dez capítulos que compõem a primeira parte do livro (O sujeito no cinema). Já a segunda parte (O sujeito no ciberespaço) volta-se ao tema da revolução tecnológica ocorrida nas duas últimas décadas, mostrando como a pesquisa passa a se preocupar com a *inserção subjetiva*, isto é, com o protagonismo dos sujeitos no mundo da hipermídia, da realidade virtual, do *videogame*, dos ambientes colaborativos em rede. O tema é atual para os que, no campo da educomunicação, se voltam para o entendimento da área das mediações tecnológicas no espaço educativo.

KONINCK, Thomas de. **Filosofia da Educação, ensaio sobre o devir humano**. Tradução de Márcio Anatole de Sousa Romeiro. São Paulo: Paulus, 2007.

Thomas de KONINCK é professor da Universidade de Laval de Quebec e foi testemunha da chamada *revolução tranqüila*, pela qual a sociedade canadense de expressão francesa passou por profundas mudanças, num curto período de tempo, no contexto da secularização do mundo contemporâneo. O fato fez o autor considerar a necessidade de se promover uma profunda reflexão sobre o papel da educação, buscando caminhos de superação do que denomina como *a pedagogia do vazio*, ou da *gestão da ignorância*, própria de um mundo obcecado por uma visão pragmática a curto prazo, que sacrifica os conteúdos e as finalidades em nome da primazia das metodologias e dos meios. Nas páginas que dedica ao tema da mídia, o autor mostra-se pessimista, temendo a influência dos grupos detentores dos sistemas de informação sobre a democracia, a liberdade e o conhecimento num mundo dominado pela hegemonia da configuração do irreal: “A vasta indústria da comunicação de massa não diz respeito à verdade ou à falsidade, mas sim ao irreal... uma indústria que concerne àquilo que não tem nenhuma pertinência...”. Neste sentido, o livro é um apelo a uma prática educativa centrada na reconstrução do homem como sujeito que concebe o conhecimento como embate com a realidade, capaz de resgatar sua capacidade de se interessar pelo Outro e pelo Belo.

MORAN, José Manoel. **Desafios na comunicação pessoal**. São Paulo: Paulinas, 2007.

Chega às livrarias a terceira edição, revista e atualizada, do livro do prof. Moran, anteriormente intitulado *Mudanças na comunicação pessoal*. No presente trabalho, o tema em foco é o gerenciamento integrado da comunicação pessoal, social e tecnológica. Ao focar as dimensões pessoais da comunicação, o autor se afasta da complexidade lingüística própria dos manuais teóricos para se aproximar do cotidiano de seu leitor. Trata-se, pois, de uma proposta de enfrentar vivencialmente os problemas de comunicação colocados pelo mundo em que habitamos, na família, na escola, no trabalho, no lazer. No que diz respeito à escola, o autor reserva um capítulo especial (Comunicação para uma

nova educação), em que situa no mesmo nível de pertinência tanto o desenvolvimento de atitudes dialógicas por parte dos professores quanto a necessária preocupação em preparar seus alunos para conviverem, de forma criativa e participativa, com o sistema de meios de comunicação. O livro é essencial para a compreensão do fenômeno educacional, enquanto prática essencialmente humana e interacional.

GOMES, Pedro Gilberto; CARVALHO, Herton. **A palavra dos pioneiros**. Porto Alegre: Livraria Padre Reus (apoio CNPq), 2007.

Vem da Unisinos, em São Leopoldo, uma obra singular: a releitura da influência da UCBC – União Cristã Brasileira de Comunicação Social na renovação das teorias e das práticas de comunicação no Brasil dos anos 1970 a 1980. Foi a entidade a responsável pela introdução, no Brasil, do conceito da *leitura crítica da comunicação*, transformando-se – como costumava afirmar Herbert de Souza – na única entidade com poder de convocação, chegando a promover congressos anuais para mais de duas mil pessoas, para discutir temas como segurança nacional, direitos humanos, participação da juventude, comunicação libertadora etc. O livro coordenado por Gomes e Carvalho traz o testemunho dos principais colaboradores da entidade, como Ivo Lorscheiter, Clarêncio Netti, Romeu Dale, Marques de Melo, Ismar Soares, Atílio Hartmann, Hilmar Kannemberger, João Arthur Müller e Edelberto Behs, entre outros. O material é certamente de valia para os que buscam, na convergência das ações e do pensamento dos anos 1970 e 1980 em torno da inter-relação comunicação/educação, os fundamentos do pensamento educacional.

ECHANIZ, Arantza; PAGOLA Juan. **Ética do profissional da comunicação**. Tradução de Cristina Paixão Lopes. São Paulo: Paulinas, 2007.

Os autores escrevem a partir da realidade espanhola sobre fatos e relações próprias do universo das comunicações em qualquer parte do mundo. Adequada à formação do estudante das várias áreas da comunicação social, o valor da obra reside no fato de apresentar, em linguagem acessível aos iniciantes, um panorama do contexto da comunicação na sociedade contemporânea, trabalhando com os conceitos que dão sustentação aos fundamentos da *ética dos meios* (Primeira Parte do livro). Quando se volta para a *ética da comunicação* (Segunda Parte), recorda que, no processo, tanto o produtor (capítulo 5) quanto o usuário ou receptor (capítulo 6) têm direitos e deveres. Neste momento, o livro passa a interessar também ao educador. É importante lembrar que os capítulos finais voltam-se para a atualização do tema da ética quando se aproxima do tema das novas tecnologias.